

Transitoriedade, trauma e realidade¹

Transience, trauma and reality

*Christian Ingo Lenz Dunker**

Resumo

Propõe algumas observações sobre a relação entre transitoriedade, realidade, trauma e luto. O ponto de partida é o pequeno texto freudiano sobre a transitoriedade, cuja brevidade contrasta com a densidade de seus efeitos teóricos.

Palavras-chave: Transitoriedade. Finitude. Trauma. Luto. Reparação.

Abstract

It proposes a few observations about the relation between transience, reality, trauma and mourning. The starting point is the short Freudian text on transience, whose brevity contrasts with the density of its theoretical effects.

Keywords: *Transience, Finitude. Trauma. Mourning. Reparation.*

1. O texto tem origem na mesa de encerramento das atividades de 2025, que aconteceu no dia 06 de dezembro, no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, sobre o tema do ano: *Sobre a transitoriedade: fragilidades e aberturas*. Transcrito por Laila Berman dos Santos e revisto pelo autor.

* Psicanalista. Professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Analista membro da Escola do Fórum do Campo Lacaniano. São Paulo, SP, Brasil. chrisdunker@usp.br

Introdução

É uma satisfação estar nesta instituição, cuja relevância histórica para a organização da psicanálise no Brasil é amplamente reconhecida. Trata-se de um espaço marcado por abertura democrática, pluralidade teórica e uma forma de multilinguismo que não é apenas conceitual, mas também ético e político. Conhecer mais de perto esse lugar, sua história e o trabalho aqui desenvolvido permite também reconhecer uma tradição de interlocução que foi decisiva para a formação de muitos de nós.

Jurandir Freire Costa ocupa, para minha geração, uma posição intelectual de primeira grandeza. Sua obra tornou possível uma modalidade de trabalho transversal, capaz de articular psicanálise, filosofia, história e sofrimento social sem reduzir um campo ao outro. Muitos dos problemas que hoje nos parecem familiares, ou mesmo constitutivos do debate contemporâneo, chegaram até nós graças ao seu esforço em romper leituras dogmáticas e dependentes, sobretudo no que diz respeito à importação acrítica de certas matrizes francesas no interior da psicanálise brasileira. Sua contribuição foi decisiva para reabrir questões relativas ao imaginário, à linguagem, à significação e às formas históricas de normatividade.

É nesse horizonte que proponho algumas observações sobre a relação entre transitoriedade, realidade, trauma e luto. O ponto de partida é o pequeno texto freudiano sobre a transitoriedade, cuja brevidade contrasta com a densidade de seus efeitos teóricos. Trata-se de um escrito lateral no *corpus* de Freud, mas justamente por isso, revelador. Como ocorre também com *O estranho*, estamos diante de textos que parecem suspender momentaneamente a gramática mais conhecida da metapsicologia para introduzir um problema de outra ordem, aquele da experiência do mundo, da perda e do valor.

Essa lateralidade não é secundária. Ela permite ler Freud para além da narrativa antropológica mais conhecida, fundada na centralidade do Édipo, na lógica do desenvolvimento e na oposição entre formas supostamente arcaicas e formas consideradas maduras da vida psíquica. Em vários momentos de sua obra, Freud parece organizar uma sequência que vai do animismo ao totemismo, do totemismo às religiões monoteístas e destas à ciência. Tal ordenação repercute diretamente numa teoria implícita da cura, segundo a qual a análise equivaleria à passagem de formas menos diferenciadas de relação com a realidade para formas mais estáveis, adaptadas e racionais.

No entanto, esse modelo não esgota a obra freudiana. Ao lado dele, há outra vertente, menos linear e menos normativa, na qual o problema central

deixa de ser a adaptação a uma realidade estável e passa a ser a relação entre finitude, temporalidade e inscrição subjetiva. É precisamente aí que o texto sobre a transitoriedade adquire seu alcance maior.

Transitoriedade, valor e crítica da permanência

A cena de abertura do texto é conhecida, Freud caminha com um amigo taciturno e com um poeta. O poeta se entristece diante da beleza da paisagem porque sabe que ela é passageira. A flor, a montanha, a floresta, o verão, tudo isso desaparecerá. Sua posição se organiza em torno de uma premissa tácita, a de que apenas o que permanece seria verdadeiramente valioso. O efêmero, por definição, pareceria inferior ao durável.

O amigo taciturno, por sua vez, encarna uma posição distinta, porém convergente. Já não se trata apenas de lamentar que as coisas acabem, mas de viver como se já estivessem perdidas desde sempre. Essa é a posição melancólica, na qual o futuro é antecipadamente capturado pela perda, e o presente já se encontra esvaziado por ela. Em um caso, a perda invalida o valor; no outro, a perda impede de antemão a experiência.

A intervenção de Freud consiste em recusar ambas as posições. Ele não nega a perda, tampouco oferece qualquer consolo idealista. O que ele afirma é mais radical, o valor de uma coisa não diminui por ela ser transitória. Ao contrário, sua transitoriedade é constitutiva de seu valor. O caráter efêmero não reduz o mundo, antes o intensifica. A finitude deixa então de aparecer apenas como privação e passa a ser reconhecida como condição de presença.

Essa formulação exige uma reconsideração importante da relação entre tempo e valor. O valor não deriva da permanência, mas da contingência. O que existe sob a condição de poder não existir, ou de cessar, adquire precisamente por isso uma forma singular de densidade. Freud desloca, assim, uma longa tradição metafísica que associava o verdadeiro, o belo e o bom à estabilidade, à identidade e à duração. Em seu lugar, ele introduz uma ontologia discreta do passageiro.

Esse ponto possui consequências tanto clínicas quanto epistemológicas. Clinicamente, ele impede que a análise seja pensada apenas sob o horizonte da restauração, da estabilização ou da reconciliação. Epistemologicamente, ele exige que levemos a sério modalidades de experiência que não se deixam reduzir a estruturas fixas. A transitoriedade não é apenas um acidente da existência, mas uma forma elementar de sua inteligibilidade.

É nesse contexto que o luto comparece não como patologia, mas como paradigma. Freud sugere que o luto constitui um afeto normal, no sentido preciso de que ele possui começo, duração e término. A perda, quando simbolicamente percorrida, não elimina o valor do que foi perdido; ao contrário, reinscreve esse valor em outra temporalidade. O luto não é simples resignação, mas trabalho. E esse trabalho, quando concluído, não conduz ao vazio, mas à liberação.

Talvez por isso a alegria apareça aqui, de maneira rara, como índice de término. Não se trata de euforia, excitação ou negação maníaca da perda. Trata-se de uma alegria sóbria, inseparável da travessia do luto. A alegria seria, nesse caso, o afeto que assinala que o sujeito já não se encontra preso ao objeto perdido, ainda que não o tenha apagado. Há aí uma pista importante para pensar não apenas a clínica, mas também a política dos afetos em nosso tempo, tão frequentemente orientada pela confusão entre alegria, desempenho e excitação.

Trauma: entranhamento entre realidade e mundo

A elaboração freudiana da transitoriedade permite também reformular o conceito de trauma. Se a transitoriedade designa o andamento das coisas, seu curso temporal próprio, então o trauma pode ser descrito como interrupção desse curso. Algo que deveria poder ser vivido como passagem se fixa, colapsa ou se rompe. O tempo deixa de fluir como experiência e passa a retornar como impacto, repetição ou suspensão.

Essa hipótese ganha força quando consideramos a espessura semântica do termo alemão *Vergänglichkeit*. O radical *gehen* remete ao andar, ao seguir, ao passar. Não se trata apenas de finitude abstrata, mas de movimento, curso, trânsito. A transitoriedade, nesse sentido, não diz respeito apenas ao fato de que tudo termina, mas ao fato de que tudo está em curso. O trauma não é apenas a presença da morte ou da perda; ele é a interrupção do andamento, o bloqueio da passagem, a incapacidade de habitar temporalmente a experiência.

Daí a importância de distinguir transitoriedade de passado. O passado, *Vergangenheit*, refere-se ao que foi vivido e pode ser lembrado, repetido ou elaborado. A transitoriedade, *Vergänglichkeit*, refere-se ao caráter passageiro e processual do que ainda se desenrola. O trauma incide justamente sobre a articulação entre essas duas dimensões, impedindo que o vivido se converta em passado elaborável e que o presente possa ser experimentado como passagem.

Nesse ponto, torna-se útil recuperar a distinção freudiana entre *Realität* e *Wirklichkeit*. A primeira remete à realidade descritiva, ao que se apresenta como dado. A segunda designa a realidade eficaz, aquilo que produz efeitos, que opera simbolicamente, que adquire consistência pela incidência que exerce. O trauma perturba ambas, mas seu efeito mais profundo talvez se dê em uma terceira dimensão, a do mundo.

Por mundo não se deve entender a simples soma entre natureza e realidade, mas a trama de pertencimento que torna a experiência habitável. É isso que emerge com clareza em *O estranho*. O *Unheimlich* não é apenas um retorno do reprimido nem apenas uma regressão narcísica. Ele é também o afeto que assinala uma desorganização das fronteiras do mundo, entre casa e rua, íntimo e público, próximo e distante, vivo e morto, oculto e manifesto. O estranho é aquilo que perturba a condição mesma de familiaridade do mundo.

Essa questão é decisiva porque desloca a clínica para além de uma simples economia entre fantasia e realidade. O problema não é apenas saber se o sujeito distingue adequadamente o interno do externo. O problema é saber em que medida ele pode ainda pertencer a um mundo, isto é, habitar uma trama compartilhável de palavras, instituições, corpos e lugares. Desse ponto de vista, a saúde mental talvez deva ser pensada menos como equilíbrio entre bem-estar e mal-estar, e mais como capacidade de pertencimento.

O texto freudiano sobre a transitoriedade indica precisamente isso. Ao reconhecer o valor da flor que murcha, Freud não está apenas afirmando uma tese moral sobre a aceitação da perda. Ele está descrevendo uma experiência de mundo na qual a finitude não dissolve o pertencimento, mas o torna possível. O trauma, inversamente, é aquilo que rompe essa articulação e suspende a possibilidade de habitar a passagem.

Elaboração histórica: reparação e presença

Essa reflexão sobre transitoriedade, luto e trauma possui consequências que ultrapassam a clínica individual. Ela permite também pensar formas históricas de devastação e de memória. Em contextos de trauma coletivo, o problema não consiste apenas em recordar fatos passados, mas em restabelecer as condições pelas quais um passado pode efetivamente tornar-se elaborável, sem ser negado, apagado ou neutralizado.

A palavra alemã *Vergangenheitsbewältigung* é particularmente expressiva nesse contexto. Em sentido amplo, ela remete ao enfrentamento ou à elaboração do passado. Mas o termo condensa mais do que um simples dever de memória.

Ele implica uma articulação entre reconhecimento, responsabilização, transformação e recusa do apagamento. Elaborar não é esquecer, nem compensar abstratamente, nem encerrar administrativamente um dano. Elaborar é permitir que o passado encontre inscrição simbólica sem deixar de interpelar o presente.

É nesse ponto que a teoria do luto se aproxima de uma teoria da reparação. A reparação não consiste em restaurar um estado anterior supostamente íntegro. Tampouco se reduz ao pagamento, ao reconhecimento formal ou à confissão retrospectiva. Ela exige uma transformação das condições presentes que permita reinscrever a perda, o dano e a violência numa nova economia simbólica. Em outras palavras, reparar é restituir alguma forma de transitoriedade onde ela foi interrompida.

Essa perspectiva é relevante para pensar eventos como o Holocausto, a escravidão, os regimes ditatoriais, o desaparecimento forçado, o feminicídio e outras formas de trauma histórico. Em todos esses casos, a questão central não é apenas a existência de vítimas ou de culpados, mas a destruição das mediações que tornam o mundo habitável. O trauma social produz precisamente esse efeito, a suspensão da passagem, a paralisia da inscrição, a persistência de um presente capturado por aquilo que não pôde tornar-se passado.

Uma política da reparação, nesse sentido, não pode limitar-se a uma administração moral da culpa. Ela deve ser concebida como trabalho histórico de reabertura do presente. Isso supõe memória, mas também transformação institucional; supõe luto, mas também responsabilidade; supõe reconhecimento, mas também redistribuição das condições de pertencimento.

Talvez seja justamente esse o ponto mais forte do pequeno texto de Freud. Ao pensar a transitoriedade não como resignação diante da perda, mas como condição de valor, ele oferece um antídoto decisivo contra duas tentações recorrentes, a idealização nostálgica da permanência e a fixação melancólica na catástrofe. Entre ambas, abre-se a possibilidade de um trabalho de elaboração no qual a finitude não conduz ao empobrecimento do mundo, mas à reativação de sua presença.

Referências

CIXOUS, H. *Portrait de Jacques Derrida en jeune saint juif*. Paris: Galilée, 2001.

COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *Sem fraude nem favor, estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FOUCAULT, M. *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Plon, 1961.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria, "O caso Dora", e outros textos, 1901, 1905*. Tradução de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras completas, 6).

_____. Recordar, repetir e elaborar. In: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia, "O caso Schreber", artigos sobre técnica e outros textos, 1911, 1913*. Tradução de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 10).

_____. Totem e tabu. In: *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos, 1912, 1914*. Tradução de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Obras completas, 11).

_____. A transitoriedade. In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos, 1914, 1916*. Tradução de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 12).

_____. (2014). O estranho. In: *História de uma neurose infantil, "O homem dos lobos", além do princípio do prazer e outros textos, 1917, 1920*. Tradução de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras completas, 14).

_____. Moisés e o monoteísmo. In: *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos, 1937, 1939*. Tradução de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (Obras completas, 19).

GIANNETTI, E. *O valor do amanhã, ensaio sobre a natureza dos juros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *O seminário, livro 7, a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SÓFOCLES. *Édipo Rei, Antígona, Édipo em Colono*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Tramitação

Recebido 18/03/2026

Aprovado 23/03/2026